

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
Departamento de História

A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA INSURREIÇÃO DE 1935



GEORGE ALBERTO FRANÇA DE MEDEIROS

Natal/RN – 1999

GEORGE ALBERTO FRANÇA DE MEDEIROS



A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA INSURREIÇÃO DE 1935

Apresentado à disciplina Pesquisa Histórica II, do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação da Professora Denise Mattos Monteiro e co-orientação do Professor Homero Costa.

Natal/RN - 1999

Agradecimentos

À valiosa ajuda, que me foi dada pelo meu orientador, professor Homero Costa.

À minha família, em especial à Célia e à Cláudio, que foram fundamentais, para que eu conseguisse terminar este trabalho.

E ao Deus supremo, sem o qual nada disso seria possível.

I – INTRODUÇÃO

Que a escolha do Tema?

A importância histórica da Insurreição Comunista de 1935, se justifica, devido a este evento ter sido o único movimento de tomada de poder, de caráter comunista, a acontecer na história do Brasil, sendo tema de um número bastante elevado de trabalhos acadêmicos.

A despeito do muito que já se escreveu a respeito, existe uma faceta pouco explorada em relação ao assunto: a participação feminina no movimento.

Qual?
Este trabalho enfoca este aspecto específico da participação feminina na insurreição de 1935, procurando resgatar informações que caracterizem esta participação, relacionando-a ao contexto sócio-político desse período.

O trabalho foi desenvolvido da seguinte forma:

- 1) *?* Contexto histórico, uma breve caracterização do período 1930-1935, no Brasil; a ascensão de Getúlio Vargas; a resistência das velhas oligarquias; o contraponto a estas oligarquias, a facção mais vanguardista do movimento tenentista; a ascensão dos dois movimentos ideológicos antagônicos: o integralismo, com a criação da AIB (Ação Integralista Brasileira) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL), esta apoiada pelo PCB; e a instável situação das forças armadas, em particular do exército.
- 2) No plano estadual examinamos o conturbado quadro político, marcado principalmente pelos choques entre o interventor Mário Câmara, nomeado em agosto de 1933 e as oligarquias, lideradas por José Augusto, culminando com as eleições de 1934 e seus desdobramentos.
- 3) Analisaremos o papel da Igreja e a organização da Igreja Católica, com seu anticomunismo, juntamente com suas estreitas relações com o integralismo, que tendia a influir diretamente no posicionamento

Qual a relação disso com os capitulos?

político de seus fiéis. No tocante às mulheres, reforçava o papel secundário que a mesma ocupava na sociedade, direcionando-a para a vida doméstica e dedicação exclusiva a lar.

Finalmente, [?] na 3ª parte, mostraremos um outro lado, que foi, a organização das mulheres por um partido de esquerda, o PCB, fazendo algumas breves considerações sobre a trajetória do partido no estado e sua fundamental importância na estruturação da ANL, e de seu braço feminino – a “União Feminina” – e como se deu a trajetória desta entidade, desde a sua fundação até a deflagração da insurreição de novembro de 1935.

Por fim, procuraremos mostrar como se deu a participação feminina na insurreição de 1935, identificando os diversos níveis de envolvimento dessas mulheres.

Níveis

II – CONTEXTO HISTÓRICO

re-lacões!

A insurreição de 1935 insere-se no contexto turbulento dos anos 30, remontando a Revolução de 1930, que levou Vargas ao poder e sua política centralizadora. É também uma constante a luta das oligarquias que ficaram alijadas do poder, devido à ascensão de Vargas. A década de 30 vai ser marcada por esta queda de braço entre as oligarquias, em busca do espaço perdido e a tentativa de consolidação do poder, por parte de Vargas, apesar de afastadas do poder. “Em muitos estados as oligarquias ainda detinham importantes parcelas do poder”.¹ Pressionado pela antiga ordem, Vargas vai ser forçado, por acontecimentos como a Revolução Constitucionalista de 1932, a fazer concessões como a convocação da Assembléia Constituinte de 1934. *a quem?*

? Esta superposição de forças contraditórias, representadas pelas correntes tenentistas e as oligarquias, vai acarretar situações ambíguas nos estados, principalmente nas principais unidades da federação, gerando situações onde os interventores militares se vêm na obrigação de firmar alianças com as velhas oligarquias visando as eleições estaduais de 1935, enfrentando a oposição de grupos rivais na política local.

“Em São Paulo, as oligarquias ainda lutam contra o tenentismo; no Rio Grande do Sul, a luta é menos grave, porque Flores da Cunha é forma de domínio ambíguo, que oscila entre tenentismo e oligarquia tradicional; em Minas, a divergência é entre os próprios grupos oligárquicos; e na Bahia, é o tenentismo que se liga a grupos tradicionais e mais organizados”.²

Este quadro na política dos estados vai interferir no governo de Vargas, já que a aproximação das forças tradicionais políticas, produz uma situação de intriga sobre os candidatos que conciliem as diversas forças envolvidas. Em muitos estados vai se instalar uma grande pressão sobre os interventores, que em muitos casos, são forçados a abdicar de sua candidatura, em função da rejeição por parte de certos grupos oligárquicos. Vargas vai ter que administrar os interesses das diversas partes envolvidas no processo, acenando ora

¹ COSTA, Homero. A Insurreição Comunista de 1935: Natal o primeiro ato da tragédia, p.31.

² CARONE, Edgar. A República Nova, p. 30.

para um grupo, ora para outro, agindo como árbitro, procurando nomes e candidaturas que possam representar um consenso e uma trégua entre as diversas oligarquias e as forças tenentistas. Contudo, o período pré-eleição em muitos estados vai ser marcado pela tensão, inclusive chegando, em muitos casos, a excessos e violências, em virtude de, após a proposição de inúmeras candidaturas, não se conseguir chegar a uma conciliações de posições, como demonstra o exemplo do Pará, onde era o interventor o tenente Joaquim Magalhães Barata.

“O interventor, obviamente era candidato ao governo do estado. Reunida, porém, a Assembléia, a maioria que na véspera, hospedada no palácio do governo, concluíra com Magalhães Barata sua eleição, apresentou a candidatura de Mário Chermont. O que se segue é uma batalha telegráfica em que as duas facções apelam para o presidente da República, queixando-se de violência da parte contrária”.³

Outros problemas contribuem para tumultuar o governo de Vargas, pois além das oligarquias havia problemas internos entre os militares, onde uma facção apresentava descontentamento com o rumo de seu governo. As principais queixas diziam respeito à lei de segurança nacional e à questão dos vencimentos de militares e civis. *“Num documento assinados por 31 oficiais, na maioria tenentes e capitães, suscitavam-se dúvidas sobre se os termos em que está redigido o projeto de lei de segurança são ou não prejudiciais aos interesses das classes armadas”.⁴* A crise militar somente será resolvida quando Vargas ordenar o afastamento dos líderes do movimento; como o general Guedes de Fontoura, afastado do comando da vila militar. A desarticulação desse segmento militar contrário a seu governo se concretizará com a demissão do general Góes de Monteiro da pasta de Ministro da Guerra.

Outro fator que marcou o ano de 1935, contribuiu e reflete esta conturbação; é a ascensão de dois movimentos ideológicos, organizados pela primeira vez no país. São eles a AIB e a ANL. A AIB – Ação Integralista Brasileira –, de cunho fascista, tem como modelo a Itália de Benito Mussolini e como principal dirigente Plínio Salgado. Apesar de

³ SILVA, Hélio. O Ciclo de Vargas, p. 121.

⁴ SILVA. Op. Cit., p.106.

oficialmente não ser vinculada à igreja, tinha entre seus componentes membros destacados do clero. Essa integração seria mais do que natural, devido ao aspecto conservador da AIB, cujo lema era: Deus, pátria e família. Sua inspiração totalitária pregava a resistência de um estado forte, onde o homem individualmente deve se sacrificar em favor da sociedade, da família e da pátria. Entre suas premissas estava o combate ao comunismo. Do outro lado temos a ANL – Aliança Nacional Libertadora – fundada em 23 de março; esta congregou, até ser colocada em clandestinidade, várias correntes como: comunistas, socialistas e até liberais-democratas, que procuravam organizar uma frente antifascista. A identificação inicial da população com a ANL é surpreendente, e será uma grande preocupação do governo Vargas. *“A aglutinação das massas é tão inesperada que governo, integralistas e classes dirigentes temem a política progressista da aliança”*.⁵

Outro aspecto que demonstra este ímpeto inicial da ANL são os comícios populares, marcados pelo grande comparecimento de pessoas. O movimento se expande pelo Brasil, devido, principalmente, às caravanas que cruzavam os estados, promovendo a instalação dos núcleos regionais.

Em virtude dos programas antagônicos, era natural que ocorressem choques entre a AIB e a ANL. Estes atritos registrariam atos de violência mútua em vários estados; mas foi nos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro, que ocorreram os episódios mais violentos entre os militantes das duas organizações, como o caso do tumultuado comício da ANL em Petrópolis.

“O comício da ANL, programado para o dia 09 de junho, degenerou em conflito sangrento. A reunião realizou-se na praça Pedro II, em cujas imediações, na Av. 15 de novembro, estava localizada a sede da Ação Integralista Brasileira. Os camisas-verdes procuraram perturbar o encontro, reagindo os nacionalistas. Generalizado o tumulto, foi morto à bala o operário e adepto da aliança, Leonardo Candu, por um tiro partido da sede da Ação Integralista”.⁶

⁵ CARONE. Op. Cit., p. 259.

⁶ SILVA. Op. Cit., p. 177.

O que foi a ANL?

Sob o pretexto de um discurso de "Luís Carlos Prestes", presidente de honra da ANL, e baseado na lei de segurança nacional, Vargas decreta o fechamento da ANL e da UFB, órgão auxiliar voltado para as mulheres; a partir de seu fechamento, a ANL vai perder grande massa de seus componentes, persistindo os integrantes comunistas.

No plano estadual. ⁷ "No Rio Grande do Norte, o período de 1930 a 1933 é caracterizado por um alto índice de 'turbulências' políticas, registrando-se uma grande rotatividade das interventoras tenentistas".⁷ Em 1933, com a nomeação de um interventor civil, a situação de tensão vai se agravar, pois "Com Mário Câmara, o primeiro civil a assumir a interventoria do estado, marca o início de uma crise no plano estadual, envolvendo o interventor e as oligarquias derrotadas em 1930".⁸

Este período interventorial civil é marcado por denúncias contra Mário Câmara, pelos excessos cometidos contra seus adversários políticos. "Como interventor, ele usou largamente os poderes do cargo, demitindo funcionários suspeitos de infidelidade."⁹

Seu principal desafeto era José Augusto, líder da antiga oligarquia desalojada do poder, mas que possuía muita força na política local. Além disso, havia problemas de relacionamento entre o interventor e as forças militares. O próprio Mário Câmara vai fazer denúncias a Vargas de planos de revolta e conspiração tramados com o apoio dos militares, solicitando inclusive as transferências de determinados oficiais, de modo que a situação se restabelece.

Estes choques se intensificaram com o início da campanha para as eleições estaduais, marcadas para outubro de 1935, e que reuniu as candidaturas para governador do interventor Mário Câmara, da Aliança Social, apoiado por Vargas, e do outro lado, Rafael Fernandes, do Partido Popular, como candidato da oposição; depois de uma acirrada disputa, o candidato da oposição sai vencedor. Apesar dos resultados das urnas, o interventor ainda nutria esperanças que, com a interferência do governo federal, poderia impedir a posse do candidato eleito. "Em 20 de outubro, Mário Câmara e seus conselheiros discutiram a possibilidade de evitar a posse de Fernandes como governador, mas foram dissuadidos com a notícia de que o 21º B. C. ficaria fiel ao poder legítimo".¹⁰

Contudo, apesar da garantia da ordem, e a transição de poder acontecendo, as turbulências ainda vão continuar.

⁷ COSTA. Op. Cit., p. 03.

⁸ COSTA. Op. Cit., p. 32.

⁹ LEVINE, Robert M. O Regime de Vargas, p. 80.



*“O governador, logo ao assumir, toma algumas medidas que irão contribuir para a continuidade do clima de tensão existente, como a demissão de funcionários ligados ao interventor, a transferência de uns e a ida para reserva de oficiais da polícia militar, tidos como aliados de Mário Câmara. E como parte das mudanças político-administrativas, no dia 20 de outubro dissolve a guarda civil, acusada durante toda a campanha eleitoral de abrigar cangaceiros e desordeiros a soldo do interventor”.*¹¹

Para complicar mais ainda este quadro, temos a situação de insatisfação dos militares do 21º B. C. (Batalhão de Caçadores), local onde o PCB conseguiu maior êxito em relação à propaganda comunista e subversiva. E vai ser do núcleo comunista do 21º B. C. a decisão de se deflagrar o movimento revolucionário de 1935.

*“À baixa obrigatória de soldados, cabos e sargentos da guarda civil, somou-se ainda a perda de cargos comissionados de cabos e sargentos do 21º, acusados de comunistas. Como no caso da guarda civil, a perseguição política era evidente e a centelha que provocaria a explosão não tardaria a ser acesa”.*¹²

Quanto à trajetória de organizações como a AIB e a ANL, ocorreram vários episódios semelhantes ao que ocorreu a nível nacional, além de peculiaridades locais. A fundação da AIB no estado, se deu no dia 14 de julho de 1933. Naquele dia foi eleito um triunvirato para dirigir o movimento, onde pontificava a figura do renomado intelectual Luís da Câmara Cascudo. Desde sua instalação no estado, o movimento ganhou a simpatia das lideranças católicas locais. *“O movimento não tinha ligações oficiais com a Igreja*

¹⁰ COSTA. Op. Cit., p. 49.

¹¹ COSTA. Op. Cit., p. 54.

¹² VIANA, Marly de Almeida Gomes. Revolucionários de 35: sonho e realidade, p. 189.

Católica, mas não existia a menor dúvida de que, no RN, ele recebia apoio ostensivo de bispos e padres, que temiam o avanço do 'comunismo' ateu".¹³

Este apoio da igreja transparece ao se examinar os exemplares do jornal de orientação católica "A Ordem", onde sistematicamente eram publicadas matérias louvando as idéias integralistas, além da participação de pessoas como o professor "Otto Guerra", grande líder católico no estado, nas fileiras da AIB. Em agosto de 1933, Natal recebeu a visita do grande líder Plínio Salgado, que visitou a Congregação Mariana de Moços, entidade católica liderada pelo professor Ulisses de Góis.

Quanto à ANL, a sua organização em Natal se deu em julho de 1935, após a passagem de uma caravana que percorria o nordeste, promovendo comícios e incentivando a criação de núcleos regionais. Aqui no estado não houve uma grande penetração da mensagem aliancista entre as massas; a maioria dos colaboradores era também membro do PCB, como o professor Raymundo Reginaldo, principal articulador da ANL em Natal. Devido à ausência de grandes comícios populares, não se repetiram aqui os grandes entreveros que ocorreram nos grandes centros, entre integralistas e membros da ANL; contudo, haveria a hostilização por parte dos comunistas frente aos integralistas locais, a quem atribuíram o nome de 'galinhas verdes', em alusão ao seu uniforme verde. Não aconteceram choques mais violentos entre as duas facções na cidade, a não ser casos insignificantes como o das pichações da sede da AIB, com mensagens comunistas. Existem, contudo, registros de incidentes mais graves no interior do estado, como por exemplo: o atentado contra uma delegação integralista que retornava de um comício em Ceará-Mirim; que por pouco não acaba em tragédia.

"Houve em a tentativa de descarrilamento do trem da 'estrada de ferro central do RN', que transportava 74 camisas-verdes, nas proximidades de Extremoz, os trilhos foram cortados e postos na linha. O operário João Ricardo, foi quem descobriu o fato e correu à estação de Igapó, e avisou ao maquinista do comboio. João Ricardo trabalhava na estrada de ferro e, após o aviso voltou ao local do abismo, de lanterna em punho, para

¹³ CORTEZ, Luiz Gonzaga. Pequena História do Integralismo, p. 17.

*evitar o acidente. À noite, depois de reparada a linha férrea, o trem retornou a Natal”.*¹⁴

A sabotagem foi creditada a operários pernambucanos, que se encontravam no estado, para a construção de uma usina. Teriam sido aliciados por elementos comunistas para cortarem os trilhos.

Outro registro importante diz respeito a um comício integralista ocorrido em Ceará-Mirim, onde uma caravana integralista, após assistir a missa, deu início a um comício na praça da cidade, havendo a aproximação de um grupo de comunistas armados de paus e facas. O conflito seria inevitável, se não fosse a intervenção de Vital Correia, rico fazendeiro da cidade, que tinha grande prestígio entre a população. Ele neutralizou o conflito que era iminente, acompanhando a delegação integralista até o momento que a caravana deixou a cidade.

¹⁴ CORTEZ. Op. Cit., p. 46.

III – A ORGANIZAÇÃO DA IGREJA E A MULHER

A atuação e a organização da igreja católica se estruturava em vários níveis dentro da sociedade, durante a década de 1930. Por um dado estatístico aproximado, já que os dados são referentes ao censo do IBGE de 1940, apontou-se em Natal haver 51.859 católicos sendo, deste total, 28.416 pertencentes a outras religiões que possuíam percentuais insignificantes, como os protestantes e espíritas, que tinham respectivamente 1998 e 543 adeptos de seus credos. Num quadro como este, era natural que a igreja interferisse no cotidiano da população, influenciando o comportamento das pessoas, inclusive sua participação política.

Havia uma forte campanha da igreja, voltada para o anticomunismo; havendo uma aproximação entre igreja e o movimento integralista, pois ambos tinham em comum, além de propostas conservadoras, o combate ao movimento comunista, o chamado ‘perigo vermelho’. *“Muitos membros da hierarquia católica, bispos e arcebispos viam com bons olhos o integralismo e considerava a AIB um aliado natural”*.¹⁵ Em Natal, esta aliança se concretizou com a criação do jornal “A Ordem”, de orientação católica, mas que possuía uma linha editorial de teor integralista, com ampla divulgação de matérias pró-AIB. Era a simbiose entre a igreja e o lema da AIB: Deus, pátria e família. Neste contexto, a mulher estava direcionada para ocupar um papel subalterno e voltado para as atividades domésticas. Contudo, as integralistas procuravam conceber espaços onde as mulheres pudessem desenvolver atividades fora do lar.

“A federação integralista de mulheres começou a operar em 1935 e teve grande papel daí por diante, as ‘camisas azuis’, os grupos femininos da AIB distribuíam alimentos por época do natal, mantinham creches funcionando nas favelas, criavam

¹⁵ LEVINE. Op. Cit., p. 181.

*escolas noturnas para adultos, classes de cultura para mães indigentes e centros para bebês mal-nutridos”.*¹⁶

Em Natal, não se estruturou esta associação integralista, contudo, esse espaço foi preenchido pelas associações católicas femininas, tais como: Pia União de Santa Terezinha, Núcleo Noelista, Filhas de Maria, Irmandade do Santíssimo e Associação das Dores, entre outras. Estas ordens representavam o campo restrito que a mulher poderia ocupar, fora das funções puramente domésticas. Representativo desse quadro, temos as diretrizes de ação para a mulher e a família, publicada em julho no jornal “A Ordem”. *“Monogamia e indissolubilidade do lar – combate ao divórcio, à limitação de natalidade, ao anti-conceptismo, à esterilização artificial – proteção à maternidade e à família numerosa – o feminismo exaltado – o verdadeiro papel da mulher”.*¹⁷

Nestas associações católicas encontramos vários tipos de atuação, principalmente assistencialistas; o núcleo Noelista, por exemplo, se dedicava a prestar assistência social e religiosa aos detentos da penitenciária. Outras irmandades se dedicavam a atividades mais amenas, como o caso das filhas de Maria, que dedicavam regularmente as tardes de domingo para ministrarem aulas de catecismo, no colégio Imaculada Conceição, para as domésticas da cidade. Estas organizações procuravam obter recursos para a manutenção de suas atividades, através de festas beneficentes e quermesses. *“O núcleo Noelista desta cidade, ao qual se devem proveitosas iniciativas de ação social católica, vai promover domingo, dia 29 do corrente, um festival em benefício das obras, que tenciona desenvolver no salão do Natal Club”.*¹⁸

Estas ordens estavam organizadas e orientadas pela igreja através da ação católica brasileira, que norteavam e padronizavam através de seus estatutos a atuação das mulheres e dos homens, inclusive interferindo na esfera política. Como demonstra seus estatutos:

“dos estatutos e das organizações fundamentais da ação católica brasileira, trazia a seguinte divisão etária: juventude feminina católica, para moças de 14 a 30 anos, e liga feminina

¹⁶ LEVINE. Op. Cit., p. 142.

¹⁷ A Ordem, p. 04, 11/07/1935.

¹⁸ A Ordem, p. 04, 24/09/1935.

*de ação católica para as mulheres acima de 30 anos. Artigo 11: individualmente, não como representantes de A. C., podem os seus sócios filiar-se a qualquer partido político, que não contenha em seus programas atitudes contrárias às leis de Deus e da sua igreja".*¹⁹

Esse posicionamento político da igreja representava o contraponto às tentativas de organização do partido comunista em Natal, e no caso das mulheres, a ampliação da união feminina, tida pela igreja como representantes do feminismo mal orientado, em oposição às noelistas, consideradas representantes do verdadeiro feminismo idealisticamente almejado pela igreja. Representativo desta, são os comentários nos jornais, sobre a repercussão do decreto de Vargas ordenando o fechamento de todos os núcleos da união feminina, publicado nos jornais. *"Numa de nossas últimas edições estampamos o decreto do governo federal mandando fechar por 06 meses, todas as sedes da 'União Feminina do Brasil', sucursal da Aliança Libertadora sabidamente comunista".*²⁰

*"há o exagero, há o mau feminismo, o da mulher que esquece suas grandes qualidades próprias e quer ser homem, julgando-se a eterna escrava do lar, quando na realidade, ela deve ser a rainha, na concepção cristã. E esta luta inglória por falsos direitos, que antes constituem servidões, estava no programa da união feminina, carregado ainda por cima, pelas tonalidades rubras da aliança dos consumistas".*²¹

Outro aspecto que representava a atuação controladora que a igreja exercia sobre a população eram as festas religiosas, dedicadas aos santos do calendário da cidade, onde havia a designação para que os sindicatos da cidade tomassem parte efetiva na organização das festividades. *"Vão prosseguindo com entusiasmo e fervor os festejos de nossa padroeira a Virgem da Apresentação, são noiteros de hoje os operários representados pelos diretórios da liga artístico-operária e do centro operário natalense".*²²

¹⁹ A Ordem, p. 02, 23/07/1935.

²⁰ A Ordem, p. 01, 27/07/1935.

²¹ A Ordem. Op. Cit., p. 01.

²² A Ordem, p. 01, 17/11/1935.

O direcionamento da mulher para as atividades domésticas era visível, mesmo nas elites e famílias tradicionais “A Escola Doméstica, fundada em 1914, um instituto de aspecto imponente, com seus dois andares que preparava metade das alunas para o magistério e a outra metade para a costura, a música e o artesanato”.²³

Havia espaço para as atividades voltadas para o desenvolvimento físico saudável das moças, como a associação feminina de atletismo que promovia corridas manhãs esportivas, em locais como o Rifoles, além dos tradicionais carnavalescos entre as residências de suas associadas.

²³ LEVINE. Op. Cit., p. 76.

IV – A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO CAMPO PROFISSIONAL

Alguns dados estatísticos aproximados, já que são do censo de 1940, do IBGE em Natal, em certos índices refletem a pequena participação da mulher nos ramos da atividade produtiva em todos os setores, desde o primário até o terciário. Temos como exemplo o ramo de comércio de mercadorias, onde empregados masculinos perfazem um total de 2.616, enquanto o total feminino não passa de 223.

RAMO DE ATIVIDADES	TOTAIS DE EMPREGADOS		
	TOTAL	HOMENS	MULHERES
COMÉRCIO DE MERCADORIAS	2.839	2.616	223

CENSO DO IBGE – 1940

Um dado curioso diz respeito a questão do ensino público, onde os homens empregados nesta atividade são em número de 2.633 contra um total de 768 mulheres. Há curiosidade com outro índice que se refere ao grau de instrução: se comparando os percentuais, a mulher possui um maior nível superior; tendo inclusive maioria no total dos indivíduos que possuem algum tipo de certificado; onde de um número final de 5.812, as mulheres totalizam um número de 3.024. como ilustra a tabela II.

ESPÉCIE DO CURSO OU DIPLOMA	TOTAIS			DE GRAU ELEMENTAR			DE GRAU MÉDIO		DE GRAU SUPERIOR	
	TOTAL	HOMEM	MULHER	TOTAL	HOMEM	MULHER	HOMEM	MULHER	HOMEM	MULHER
ENSINO SUPLETIVO	73	40	33	72	39	33	01	–	–	–
ENSINO EMENDATIVO	03	01	02	02	02	02	01	–	–	–
ENSINO ELEMENTAR, MÉDIO OU SUPERIOR SEM ESPECIALIZAÇÃO	10.380	4.877	5.503	9.300	4.288	5.012	546	488	43	03

CENSO DO IBGE - 1940

Era natural se presumir que a mulher, em virtude de um maior grau de instrução, fosse a maioria em se tratando de profissionais da educação. Essa falta de espaço da mulher no mercado de trabalho e conseqüentemente sua inserção como sujeito ativo na sociedade, é mostrado num ramo de atividade e ofício, vinculado a figura feminina, que são os salões de serviços e ofícios de higiene pessoal, onde o número de 14 estabelecimentos registrados com serviços mistos para homens e senhoras, não se encontra o registro de nenhuma mulher dentre os empregados na execução dos serviços.

A questão da sindicalização vai ser mais um dado que vai confirmar o baixo grau de consciência política da mulher, como demonstra o ramo de atividades de transportes e comunicação, onde de um universo de 37 empregados neste setor, apenas 03 são efetivamente sindicalizadas.

Um dado emblemático para representar este papel da mulher e o espaço reduzido para seu desenvolvimento profissional, e que reflete seu direcionamento para as atividades domésticas; pois neste ramo de atividades nós temos os seguintes números: de um total de 19.226 pessoas que desempenham a profissão em Natal, o total de mulheres é 16.000.

RAMO DE ATIVIDADE	TOTAIS DE EMPREGADOS		
	TOTAL	HOMENS	MULHERES
ATIVIDADES DOMÉSTICAS	16.266	3.266	16.000

CENSO DO IBGE - 1940

V – ORGANIZAÇÃO DO PCB E A MULHER

As origens do PCB no estado estão intimamente ligados a figura do sapateiro José Praxedes de Andrade, e o início desse ativismo político remonta a década de 20. *“Em dezembro de 1921 é convidado pelo sapateiro Raimundo Moreira a reorganizar a união dos sapateiros de Natal, que havia fechado por falta de interesse dos operários em tocar o trabalho.”*²⁴

Com o passar do tempo alguns elementos da união passaram a aprofundar a discussão de temas ligados ao comunismo.



*“Um grupo de quatro sapateiros, formado por Praxedes, Aristides, José Pereira e Pedro Marinho. ‘esse grupo de quatro pessoas foi organizado por nós para discutir as idéias da revolução russa e do maximalismo. Começamos a nos reunir para discutir todas essas coisas e decidimos chamá-lo de grupo maximalista, na verdade, a primeira célula comunista organizada em Natal’, conta Praxedes.”*²⁵

Depois da organização dessa primeira célula do partido, houve um crescimento da atividade partidária na cidade; os contatos com a direção partidária eram feitos por cartas e documentos conduzidos a Natal pelos militares marítimos do partido.

Em abril de 1935 é realizada a I Conferência Estadual, onde Praxedes seria eleito secretário político. *“O partido realiza uma conferência para traçar suas diretrizes de ação política e elege uma direção formada por Praxedes, Aristides, Francisco Moreira, Raymundo Reginaldo e Lauro Lago”.*²⁶

Estas atividades do PCB, eram realizadas de forma oculta, com a utilização de residências particulares, em horários noturnos para não atrair a atenção dos militares.

²⁴ OLIVEIRA, Op. Cit., p. 26.

²⁵ OLIVEIRA, Op. Cit., p. 28 a 29.

leed for a te do!

*“O comitê regional funcionava praticamente na casa de João Galvão Filho, natural de Mossoró. Além de sua casa, o partido também se reunia debaixo dos postes de iluminação pública, sempre em pequenos grupos (03 pessoas). As decisões tomadas pelo comitê regional eram passadas para os grupos dos postes que, por sua vez, deveriam transmiti-las para as outras células”.*²⁷

A nível nacional, o PCB estimulava a formação da Aliança Nacional Libertadora, e que tinha como apêndice.

*“A União Feminina Brasileira, movimento auxiliar feminino que endossa todo o programa da ANL, mas ocupava-se de assuntos de interesse direto para as afiliadas e temas gerais relativos à emancipação da mulher, atuante, como filiais nas grandes cidades, a UFB criticava o papel secundário da mulher na sociedade brasileira. Era, por causa disso, combatida violentamente pelos conservadores, que atacavam as mulheres da diretoria por seu comportamento ‘imoral’ e ‘espalhafatoso’.*²⁸

Em Natal, desde o início, a UFB se organizou de forma clandestina, e os dados de sua organização e funcionamento são bastantes escassos, sendo somente citados nas declarações das mulheres indiciadas pelo T.S.N. Através destes dados pode-se ter uma idéia da estrutura da UFB. Entre outros dados temos: as informações sobre as atividades desempenhadas pelas componentes; endereços de reuniões; além de alguns nomes de pessoas que desempenhavam papel de destaque na direção e orientação.

Esta organização feminina, destinada à agitação e propaganda, devido a seguir uma orientação comunista recebia recursos financeiros vindos do comitê central, sendo uma das entidades beneficiadas pelo socorro vermelho internacional. Este órgão foi organizado

²⁶ OLIVEIRA, Op. Cit., p. 46.

²⁷ COSTA. Op. Cit., p. 63 a 64.

²⁸ LEVINE. Op. Cit., p. 117.

após a passagem da caravana da Aliança Nacional Libertadora, em julho de 1935, e teve como principal orientador o professor Raymundo Reginaldo, membro ativo do PCB. Em sua residência se estruturou a UF, sendo o local o principal endereço onde eram realizadas as seções de doutrinação e propaganda aliancistas. Contudo, existiam outros endereços alternativos de reuniões, como as casas de outros membros do partido, entre os quais: Cosme Capristano e Francisco Camilo Filho. Nestas reuniões compareceram várias mulheres, assim como também alguns homens que auxiliavam na implantação do núcleo; além de exercerem a função de doutrinadores. Entre esses se destacavam Lauro Teixeira, Agostinho Silva e Aristides Galvão, sendo este último, a pessoa designada por Raymundo Reginaldo para dar continuidade à tarefa de organizar o órgão; sendo também encarregado de escrever a ata das sessões.

Durante o ano de 1935, circularam pela cidade vários membros da direção do nordeste, de modo a melhorar a organização do partido a nível local, desempenhando também o papel de doutrinadores da UF. Um indivíduo conhecido como “Maranhão”, delegado do partido comunista, é enviado pelo comitê central para melhor orientar o secretariado do nordeste; e Vicente dos Santos, também delegado do partido, é encarregado das ligações entre os comitês regionais do nordeste. Estas reuniões, devido à seu caráter subterrâneo, levava os principais militantes a adotarem nomes de guerra, de modo a proteger sua verdadeira identidade; prática comum dos integrantes do partido. O professor Raymundo, nome de guerra “Tomé”, desempenhou um papel importante na implantação da “União Feminina”, ao lado de sua família. Sua esposa, Luzia Gomes, era encarregada dos camponeses; contudo, vai ser sua filha, Amélia Gomes, nome de guerra “Clotilde”, que desempenhará o papel de principal articuladora da organização, participante de forma ativa no episódio da insurreição.

A maioria das mulheres indiciadas pela polícia apontaram como a responsável pela captação das mesmas, para as fileiras do movimento. Além disso, era encarregada das finanças da organização, recebia as importâncias em dinheiro, arrecadadas entre os elementos do partido, para gerenciar as diversas atividades.

Existiam outras mulheres de destaque na estrutura da União Feminina, como Maria da Glória Santos, nome de guerra – “Alice”; Leônia Félix, esposa do motorista Epifânio Guilhermino, em cuja residência se realizavam reuniões secretas, sempre de oito em oito dias, para divulgação de doutrina, além da transmissão de notícias vindas de outros estados. Outra figura de destaque foi José Guedes Moreira, nome de guerra – “Canário”,

que juntamente com sua irmã, Maria do Carmo Silva, (nome de guerra – “Anna”), mantinha em sua residência grande quantidade de boletins “subversivos”, que circulavam em horários noturnos e locais desertos da cidade.

“Canário”, pertencente à célula dos sapateiros, foi, por sinal, em dos mais ativos propagandistas das idéias comunistas, não só em Natal, como também no interior do estado; assim como em estados vizinhos. Além de auxiliar a União Feminina, promovia reuniões de caráter comunista em sua própria residência, situada à rua Pereira Simões, no. 135, Rocas; este, por sinal, era um traço comum à maioria dos integrantes da UF, residir em bairros humildes da cidade como Rocas, Areal e adjacências.

Nestas reuniões compareciam compareciam com assiduidade, militantes como Antônio Pereira de Souza, (nome de guerra – “Transways”); José Praxedes de Andrade, (nome de guerra – “Rosa”); entre outros. José Guedes fez várias viagens a Pernambuco e Paraíba. Estes trajetos visavam a difusão de boletins. Sua principal área de atividade era o próprio estado, especialmente a zona do município de Caicó. Dentre suas tarefas, constava além da derrama de textos, executar inscrições nas paredes e muros da cidade, com mensagens alusivas ao comunismo, à ANL e à figura de Luís Carlos Prestes. Por ser um membro dos mais atuantes do partido, tomava medidas de precaução de modo a proteger os endereços das reuniões, conforme as declarações prestadas por sua irmã, quando a mesma afirmou que:

“seu irmão nunca revelava o local para onde se dirigia, quando se tratava de reuniões de caráter comunista, sob a alegação de que se a policia ali chegasse, para procurá-lo, poderia matar toda a sua familia, sem entretanto esta denunciasse à policia local onde o mesmo se encontrava”.

(Fonte?)

Outros aspectos podem ser depreendidos a partir das declarações das indiciadas, como a influência dos parentes, notoriamente comunistas, sobre estas mulheres que se afiliaram à UF, já que a maioria das componentes tinham algum parentesco com figuras de destaque na organização do PCB em Natal e desempenhariam papel ativo na insurreição de 1935. Temos como exemplo: Leonila Félix e Maria da Cruz, respectivamente esposa e cunhada do motorista “Epifânio Guilhermino”, figura exponencial do movimento. Outro

aspecto que se conclui ao se observar os depoimentos, é que apesar de serem na sua maioria alfabetizadas, estas mulheres apresentam um baixo envolvimento ideológico; na maioria dos casos não demonstram estarem convictas em suas posições e não sabem explicar os motivos de estarem envolvidas neste tipo de organização. Como demonstra o caso de Maria da Cruz Pereira, cunhada de José Praxedes, que era um dos principais orientadores do comitê regional do Rio Grande do Norte; que declarou, em depoimento à polícia, ter ingressado como simpatizante da União Feminina, órgão do Partido Comunista do Brasil; que frequentou diversas sessões, na residência do professor Raymundo Reginaldo. Creditou sua adesão em virtude das vantagens oferecidas pelos encarregados da propaganda do partido comunista brasileiro. Não explica porém que tipos de vantagens seriam estas: afirmou que sempre procurou cooperar com os organizadores do partido e muito especialmente com seu cunhado José Praxedes.²⁹

²⁹ Declaração de Maria da Cruz Pereira, TSN, Inquérito do DOPS.

VI – PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA INSURRIÇÃO DE 1935

A participação feminina na insurreição de 1935 não contou com um número expressivo de mulheres. Uma explicação para essa baixa densidade de mulheres entre os envolvidos, pode ser dado pelo esvaziamento da quadra da UF, pois diversos componentes já tinham se afastado da organização, nos dias que antecederam a revolta; como é o caso de Maria do Carmo Silva, que apesar de ter ^{cohecido} conhecido que rebentaria um movimento revolucionário, a nível nacional, informação passada por seu irmão José Guedes, na véspera dos fatos, já se encontrava totalmente desvinculado das idéias comunistas. Apesar disso, algumas mulheres que permaneceram na militância na UF, participaram de forma ativa nos momentos decisivos do levante.

Como diz Costa se referindo ao início dos acontecimentos: *“Um grupo de civis, incluindo algumas mulheres, invade o quartel, se fardando e se armando”*.³⁰ Este contingente contudo não participaram de ações armadas, exceção feita a Leonila Felix, esposa de Epifânio Guilhermino, que fardada como homem e portando arma, a despeito de não saber utilizá-la, aparece de forma efetiva durante o movimento. Sobre ela pesou a acusação de participar da tentativa de retirar o chefe de polícia, Dr. João Medeiros Filho, com o objetivo de fuzilá-lo; tendo também tomado parte do saque feito contra a secção de avulsos da imprensa oficial, de onde foram retiradas várias peças de fazenda destinadas a encadernação.

Ao lado dela podemos citar a participação efetiva de Amélia Gomes, filha de Raymundo Reginaldo, militante convicta da União Feminina, desenvolveu intensa atividade junto ao comitê popular revolucionário. Durante o movimento permaneceu no interior da vila Cicinato, sede dos revoltosos, sendo responsável pela correspondência com o Recife e Rio de Janeiro (os outros focos da revolta). Sobre ela diz Costa: *“Amélia Reginaldo – uma das mulheres que invadem o quartel e vestem uma farda de soldado, e que será uma espécie de secretária informal da junta”*.³¹

Mais duas mulheres foram citadas como participantes ativas da revolta, andando fardadas e portando armas; são elas: Chica da gaveta e Chico pinote. Contudo, fica difícil

³⁰ COSTA. Op. Cit., p. 86.

³¹ COSTA. Op. Cit., p. 102.

comprovar a veracidade destes dados, já que as duas nunca foram identificadas pela polícia na investigação que se seguiu aos acontecimentos.

Outro tipo de participação, desvinculada de qualquer sentimento ideológico, são os das mulheres que prestaram serviços aos revolucionários, mediante pagamento; como são os casos de Maria da Cruz Nunes e Raimunda Pires, que prestaram serviços cuja natureza não declararam, na vila Cicinato, durante 04 dias; provavelmente serviços domésticos, pelos quais receberam as respectivas quantias de R\$ 7.000\$00 e R\$ 2.000\$00. Outras mulheres, parentes dos envolvidos, a partir da precipitação dos acontecimentos se dirigiram à “vila Cicinato”, espécie de quartel revolucionário, passando ao lado dos parentes os dias que duraram a insurreição; casos como os de Virgínia Pereira da Silva e Maria da Cruz Pereira, respectivamente esposa e cunhada de José Praxedes, membro do Comitê Revolucionário. Tiveram sua parcela de colaboração na medida que executaram serviços caseiros, como providenciar alimentação, de modo a se atender o grande fluxo de pessoas que para lá se dirigiam. No dia 27, pela manhã, a partir da comprovação do fracasso do movimento, a junta governista provisória ordenou a evacuação da vila Cicinato. Estas duas mulheres se encontraram com o indivíduo conhecido como “João Pretinho”, o qual distribuía dinheiro às pessoas que abandonavam o local. Virgínia e Maria participaram desta divisão, cabendo às mesmas, respectivamente, as quantias de 19.000\$00 e 6.600\$00; valores estes recuperados posteriormente pela polícia, que contou com a ajuda da própria mãe de Maria da Cruz, que após a notícia das buscas policiais, compareceu às autoridades e confessou que em sua residência se encontrava algum dinheiro de origem ilegal.

Esta questão do dinheiro merece um comentário à parte. Foi uma constante nas diligências procedidas pela polícia, serem encontradas quantias de dinheiro, arrecadadas através de saques aos bancos, em companhia das esposas e companheiras dos revoltosos, que durante a fuga passavam em casa e pediam as suas companheiras para guardarem o dinheiro.

Caso como o de Wanda Galvão cujo único vínculo com a insurreição era o fato de manter um relacionamento afetivo com Lauro Lago, um dos líderes do movimento; que nunca teve nenhuma ligação com a “União feminina”, em depoimento à polícia, depois da derrota do levante, declarou: que apesar de se encontrar em companhia de Lauro nos dias que antecederam o movimento, o mesmo não tinha lhe revelado os planos comunistas, e negou ter recebido auxílio financeiro do companheiro. Contudo, buscas efetuadas na residência de seu pai, Flávio Galvão, resultaram em apreensão de certa quantia enviada por

Lauro, através do professor Reginaldo. O seu pai confirmou que apesar de ser desafeto de Lauro e não compactuar de suas idéias comunistas, se viu na contingência de aceitar a oferta, em virtude de sua precária situação financeira. Este exemplo ilustra bem a postura de uma parcela da população, que apesar de não estar envolvida nos acontecimentos, via com bons olhos e com muito oportunismo, a generosa distribuição do dinheiro saqueado dos bancos.

VII - A REPRESSÃO

Que autos?
quem?
Que fichas?
 No tocante à repressão, aconteceu um reflexo desta participação discreta das mulheres, apesar da dificuldade em encontrar a totalidade das fichas, das mulheres indiciadas, nos autos do T.S.N. É possível, pela amostragem das fichas pesquisadas, traçar um perfil das envolvidas no movimento de 1935. Por exemplo: 20 indiciadas foram identificadas como domésticas, sendo esta a principal ocupação das envolvidas, enquanto que as operárias apareciam em número muito reduzido.

A maior parte deste contingente foi absorvida por falta de provas; na verdade, uma parte das indiciadas se enquadra na função de terem sido simplesmente depositárias de quantias em dinheiro, provenientes dos saques aos bancos ocorridos durante a intentona, entregues por parentes (participantes do movimento), principalmente os maridos, que após confirmação do malogro do movimento se puseram em fuga, deixando com as mulheres os valores que detinham. Outras participantes, devido a uma atuação mais ativa, receberam um tratamento mais rigoroso por parte do T.S.N. (Caso de Leonilda Felix que teve sua prisão preventiva decretada em 04/09/1936 (quatro de setembro de mil, novecentos e trinta e seis), prisão esta que foi revogada em 18/06/1937 (dezoito de junho de mil, novecentos e trinta e sete) e em sessão do T.S.N. de 26/09/1938 (vinte e seis de setembro de mil, novecentos e trinta e oito), foi absorvida! Outro caso é o de Maria Cruz Nunes que prestou serviços no Comitê Revolucionário, e que foi presa preventivamente em 18/06/1937 (dezoito de junho de mil, novecentos e trinta e sete). Posteriormente, por deficiência de provas, foi absorvida em sessão do T.S.N. de 26/09/1938 (vinte e seis de setembro de mil, novecentos e trinta e oito).

A condenação mais pesada recaiu sobre Amélia Gomes, filha de Raymundo Reginaldo, que desempenhou papel importante na Intentona. Tendo sua prisão preventiva decretada em 14 de setembro de 1936, a mesma foi revogada pelo T.S.N. em 18 de junho de 1937. Este mesmo tribunal em sessão de 26 de setembro de 1938, decidiu pela condenação da ré a cumprir uma pena de 05 anos de reclusão.

Uma verificação se faz importante para desfazer equívocos referentes a Amélia Gomes. No livro "O Regime de Vargas", o autor, fazendo alusão à fuga de pessoas de Natal, inclusive as inocentes de cumplicidade direta no movimento, mas temerosas dos excessos cometidos durante a repressão. Comentando a fuga da citada Amélia Gomes diz: "a filha de

Amélia?

*um figurão da A.N.L. do estado, ostensivamente inocente de qualquer cumplicidade nos acontecimentos de novembro”.*³²

Os relatos encontrados nos autos do T.S.N., principalmente declarações de pessoas envolvidas, além do prontuário da própria acusada; atestam que a sua fuga acompanhada do seu pai, se deveu à sua participação direta no movimento, como encarregada das comunicações, além do receio de ser presa pelas forças policiais encarregadas da captura dos envolvidos na Insurreição de novembro de 1935, em Natal.

³² LEVINE. Op. Cit., p. 133.



VIII – CONCLUSÃO

A participação das mulheres na insurreição de 1935 é assunto normalmente pouco ou nunca abordado nos livros sobre o tema, o que pode sugerir a idéia de que aquele tenha sido um movimento exclusivamente composto por homens.

Como ficou demonstrado neste estudo, as mulheres eram fortemente influenciadas por um contexto social que lhes atribuía funções socialmente subalternas, não admitindo a sua participação na vida política. Portanto, universo eminentemente masculino.

No campo da influência religiosa, tivemos a oportunidade de constatar que a igreja católica era tão dominante, que esta preponderância tornava-se uma fonte de influência das mais importantes. Por princípio, procurava-se direcionar a mulher para as atividades domésticas e ocupações subalternas, incluindo as atividades exercidas pelas diversas entidades católicas, que representavam, através de ações assistencialistas, um restrito campo de atuação permissível à mulher fora do círculo doméstico.

Os dados estatísticos disponíveis do período, mostram a pequena participação da mulher nas atividades produtivas, desde o setor primário até o terciário.

Entretanto, a despeito de todos os desestímulos à sua participação nas atividades sociais e políticas houve um certo número que ^{ousou} romper as barreiras sociais que lhes eram impostas, se envolveram ^{as} com a política através da "União Feminina", do próprio partido comunista e por conseqüência, participaram, em alguns casos, de forma efetiva da insurreição de 1935.

Esta tarefa de reconstrução do papel da mulher, embora estimulante, está cercada de dificuldades. A pequena representação numérica do contingente feminino na militância ativa do movimento, além da escassez de informações nos autos dos processos. ?

Concluindo este estudo, procuramos demonstrar que, ~~embora~~ a participação feminina, apesar de quantitativamente ter sido pouco expressiva, teve seu mérito na medida que, ~~consideramos~~ que estas mulheres enfrentaram grandes barreiras sócio-culturais para ocupar seu espaço na atividade política.

Pode-se afirmar que esta participação reduzida da mulher é compensada pelo caráter legitimador que a presença feminina confere a qualquer movimento de pretensões sociais e universalistas.

revisado

IX - CONSIDERAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

1.1 - PRIMÁRIAS

- Instituto Histórico e Geográfico do RN;
- Arquivo Público do Estado do RN;
- Jornais: Coleções - A República, 1935
- A Ordem, 1935

} INSTITUIÇÕES!

Outras Reportagens:

- 1) AÇÃO Católica Brasileira (Estatutos da Ação Católica Brasileira). A Ordem, Natal, 23-07-1935, p. 02.
- 2) ASSOCIAÇÃO Feminina de Atletismo. A República, Natal, nº 1244, p. 08.
- 3) AULA de Catecismo para as domésticas. A Ordem, Natal, 05-09-1935, p. 01.
- 4) CÂMARA, Cassiano Arruda. 1935, uma revolução que durou três dias, trinta e cinco anos depois. Diário de Natal, Natal, 28-11-1970, p. 01 e 07.
- 5) CATECISMO para domésticas. A Ordem, Natal, 21-09-1935, p. 04.
- 6) COMITÊ Neolista. A festa de domingo promovida pelos neolistas. A Ordem, Natal, 24-09-1935, p. 04.
- 7) CORTEZ, Luiz Gonzaga. O comunismo e as lutas políticas do RN na década de 30. - Mário Câmara não topou a revolução. O Poti, Natal, 04-08-1985, p. 13.
- 8) _____. XIII - Jornal Oficial não registrou "herói". O Poti, Natal, 15-09-1985, p. 10.
- 9) FECHADA a União Feminina do Brasil. A Ordem, Natal, 24-07-1935, p. 01.

- 10) FEMINISMO mal orientado. A Ordem, Natal, 27-07-1935, p. 01.
- 11) FESTA da Padroeira (os operários são os noiteiros de hoje). A Ordem, Natal, 17-11-1935, p. 01.
- 12) HÁ 24 anos Natal caía em poder dos comunistas. Diário de Natal, 26-11-1959, p. 08.
- 13) HOLLANDA, Tarcísio. O grande erro vermelho. O Poti, Natal, 03-11-1980, Suplemento, p. 01.
- 14) JOÃO Medeiros lembra a violência da intentona. Diário de Natal, Natal, 25-11-1972, p.02.
- 15) MEDEIROS FILHO, João. A insurreição comunista no Rio Grande do Norte. Tribuna do Norte, Natal, 28-11-1971, p. 02.
- 16) RELEMBRANDO a intentona comunista de 1935. Natal, sob o regime vermelho, viveu dias de terror, miséria, destruição e saque. Diário de Natal, Natal, 27-11-1964, p. 02 e 03.
- 17) SETORES de ação (família). A Ordem, Natal, 14-07-1935, p. 04.
- 18) O VERDADEIRO feminismo. A Ordem, Natal, 21-08-1935, p. 01.

BIBLIOGRAFIA

1. ASTI VERA, Armando. Metodologia da Pesquisa Científica. Porto Alegre: Globo, 1979.
2. BASBAUM, Leôncio. História Sincera da República. V. 3, São Paulo: Alfa-Ômega, 1975-1976.
3. _____. A República Velha. São Paulo: Difel, 1972.
4. CAFÉ FILHO. Do Sindicato ao Catete: memórias políticas e confissões humanas. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1996.
5. CARONE, Edgar. Revoluções do Brasil Contemporâneo. (1922/1938). Coleção Buriti, São Paulo: Editora São Paulo, 1965.
6. _____. A República Nova. São Paulo: Difel, 1982.
7. COSTA, Homero. A Insurreição Comunista de 1935: Natal o primeiro ato da tragédia. Rio Grande do Norte: Cooperativa Cultural UFRN, 1995.
8. CORTEZ, Luiz Gonzaga. Pequena História do Integralismo: Rio Grande do Norte: Clima, 1986
9. DULLES, John W. Foster. Anarquistas e Comunistas no Brasil: 1900/1935. Rio de Janeiro, 1977. ?
10. FAUSTO, Bóris. A Revolução de 30. São Paulo, 1970. ?

11. FURTADO, João Maria. Vertentes (memórias). Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1976.
12. LEVINE, Robert M. O Regime de Vargas: os anos críticos 1934-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
13. MARTINS, Ivan Pedro. A Flecha e o Alvo: o outro lado da Intentona. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
14. MEDEIROS FILHO, João. Meu Depoimento. Imprensa Oficial, 1937.
15. _____ . 32 Horas de Subversão. (Intentona Comunista de 1935 no Rio Grande do Norte). Natal, Academia Norte-rio-grandense de Letras e IHGRN, 1980. ?
16. OLIVEIRA FILHO, Moacyr de. Praxedes: um operário no poder. São Paulo: Alfa-Ômega, 1985.
17. PEREIRA, Astrogildo. Formação do PCB. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1962.
18. PORTO, E. Bellens. A insurreição de 27 de novembro. Rio de Janeiro, 1936. ?
19. PICCHIA, Pedro del. O PCB. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.
20. SALGADO, Plínio. Doutrina e Prática Comunista. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1956
21. SILVA, Hélio. O Ciclo de Vargas. 1935. A Revolta Vermelha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
22. SKIDMORE, Thomas E. Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1938-1964). Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.

23. SOUZA, Maria do Carmo P. Campelo. Estados e Partidos Políticos no Brasil (1930 – 1964). São Paulo: Editora Alfa Ômega, 1983.
24. SODRÉ, Nelson Werneck. Introdução à revolução brasileira: Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
25. _____. Contribuição à História do PCB. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
26. VIANA, Marly de Almeida Gomes. Revolucionários de 35: sonho e realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.